

Alomorfia condicionada pela estrutura silábica em Kanamari (família Katukina)

(Allomorphy conditioned by the syllable structure in Kanamari – Katukina family)

Priscila Hanako Ishy¹

¹ Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) – Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)

priscilaishy@gmail.com

Abstract: The Kanamari language belongs to the language family Katukina and is spoken by about 3000 people in the Southwest region of the Amazonas State in Brazil. This paper presents some cases of variation of the first person possessive prefixes in the Kanamari language and proposes an interpretation, based on the syllable structure of this language, for these occurrences that do not follow the general rule for this allomorphy. Through this analysis, we conclude that the restriction to the general rule of the allomorphs occurs to benefit the phonological patterns of this language.

Keywords: indigenous languages; morphophonology; Kanamari language; Katukina family.

Resumo: A língua Kanamari pertence à família linguística Katukina e é falada por cerca de 3000 pessoas na região sudoeste do estado do Amazonas. Este artigo apresenta alguns casos de variações dos prefixos possessivos de primeira pessoa nessa língua e propõe uma interpretação, com base na estrutura silábica do Kanamari, para ocorrências que não seguem a regra geral dessa alomorfia. Por meio dessa análise, concluímos que a restrição à regra geral desses alomorfes ocorre para favorecer os padrões fonológicos dessa língua.

Palavras-chave: línguas indígenas; morfologia; língua Kanamari; família Katukina.

Introdução

A etnia Kanamari encontra-se, primordialmente, na região sudoeste do estado do Amazonas, com aldeias em territórios indígenas ao longo dos rios Japurá, Juruá, Xeruã, Itucumã, Jutaí, Tarauaca, Itacoaí, Javari e Jandiatuba.¹ Segundo dados do censo feito pela Funasa em 2010, o número total de índios Kanamari é de 3.167 (FUNASA apud Costa, 2006). E, de acordo com o Instituto Socioambiental (2012), as terras indígenas (TI) em que existem Kanamari são: Kanamari do Rio Juruá, com 496 habitantes; Maraã/Urubaxi (região do Solimões), com 185 habitantes; Mawetek (região dos rios Juruá/ Jutaí/ Purus), com 207 habitantes; Paraná do Paricá (região do Solimões), com 34 habitantes; Patauá (região dos rios Tapajós/ Madeira), com 47 habitantes, e Vale do Javari.²

A língua Kanamari pertence à família linguística Katukina. Sobre essa família existem três classificações: a de Loukotka (1968 apud DOS ANJOS, 2005), a de Rodrigues (1986) e a reclassificação de Dos Anjos (2005). Rodrigues (1986) divide a família Katukina em quatro línguas: Katukina do Biá, Tsomwuk *Djapa*, Kanamari e Katawixi. Mais recentemente, Dos Anjos (2005; 2011) propõe uma reorganização da classificação

1 No rio Jandiatuba, encontra-se o grupo *Tsomwuk Djapa*, considerado por alguns estudiosos como uma etnia diferente dos Kanamari. No entanto, consideramos que ambos fazem parte da mesma etnia.

2 Não foi especificado o número de habitantes Kanamari no TI Vale do Javari.

dessa família, que seria composta por apenas duas línguas: Katawixi e Katukina-Kanamari (composta pelas variedades Kanamari – incluindo o *Tyohon dyapa* – e pelo Katukina do Biá). Segundo Aikhenvald (2012) a pequena família linguística Katukina está entre as famílias da região amazônica menos conhecidas.

Este artigo apresenta parte de uma pesquisa de mestrado sobre a fonologia Kanamari (ISHY, 2012), cujos dados foram coletados de falantes Kanamari da região do rio Juruá. Exatamente pelos dados terem sido adquiridos somente nessa região, essa pesquisa diz respeito apenas ao dialeto do Juruá, diferenciando-se, portanto, do trabalho de Dos Anjos (2005; 2011), que trata principalmente da variedade Katukina do Biá. Sobre o dialeto Kanamari, há um artigo de Silva *et al.* (1989), em que os autores apresentam uma descrição fonética e fonológica, além de identificarem alguns processos fonológicos. Há também alguns artigos de Groth (1977; 1985; 1988a; 1988b) que apresentam características da sintaxe. E, mais recentemente, Stefan Dienst (2011, The Hans Rausing Endangered Languages Project)³ realizou um projeto de documentação da língua e cultura Kanamari.

O objetivo neste artigo é propor uma interpretação para uma exceção à regra geral dos alomorfes dos prefixos possessivos de primeira pessoa a partir da estrutura silábica padrão em Kanamari. Primeiramente, mostraremos a estrutura. Em seguida, demonstramos a regra geral dos alomorfes de prefixos possessivos e as ocorrências de exceção à regra geral. Por último, apresentamos uma possível interpretação a esse desvio. A análise da estrutura silábica foi fundamentada na representação fonológica autosegmental (CLEMENTS; HUME, 1995; GOLDSMITH, 1990, 1995; KENSTOWICKS, 1994).

Estrutura silábica da língua Kanamari

Com o propósito de demonstrar que a exceção à regra dos alomorfes de prefixos possessivos de primeira pessoa ocorre para favorecer o padrão fonológico do Kanamari, apresentamos inicialmente a estrutura silábica dessa língua. Em suma, a sílaba em Kanamari é formada por ataque e rima, que pode ser composta por núcleo simples, núcleo longo ou núcleo simples e uma coda.

Em Kanamari, o ataque pode ou não ocorrer em uma sílaba e é constituído por apenas um segmento. A maioria dos segmentos consonantais existentes na língua pode aparecer em posição de ataque: /p/, /b/, /t/, /d/, /k/, /tʃ/, /dʒ/, /h/, /r/, /m/, /n/, /ɲ/, /w/, /j/. O único segmento que não ocorre em posição de ataque é a nasal velar [ŋ] representada pelo arquifonema /N/.⁴ Os moldes silábicos em que ocorre ataque são CV (AN) e CVC (ANCd).

Sinteticamente, podemos definir algumas restrições para o ataque na sílaba em Kanamari:

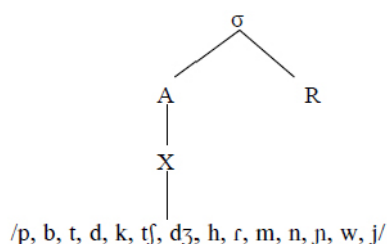
3 Comunicação por meio de correio eletrônico.

4 Em Kanamari, as nasais [m], [n] e [ɲ] ocorrem apenas em início de sílaba, enquanto que [ŋ] nunca ocorre nessa posição, somente em final de sílaba. Dessa forma, a nasal [ŋ] pode ser interpretada como um arquifonema das nasais [m], [n] e [ɲ]. Nesse caso, os sons nasais são neutralizados em posição final de sílaba quanto ao ponto de articulação, realizando-se foneticamente como velar. Assim, o arquifonema /N/ pode ser definido como uma unidade fonológica que não se especifica em relação ao ponto de articulação, mas contém todos os traços compartilhados pelas nasais.

- a) o molde silábico composto por ataque sempre apresenta apenas um segmento nessa posição;
- b) /N/ nunca ocorre em posição de ataque;
- c) /r/ não ocorre em posição absoluta de ataque.

A seguir demonstramos a representação dos segmentos possíveis em posição de ataque:

(1)



Quanto aos segmentos [j] e [w], em início de sílaba, vale ressaltar que estes podem ser ambíguos em relação às vogais altas [i] e [u] (ou [o]) respectivamente. Por isso, também procuramos interpretá-los por meio da estrutura silábica.

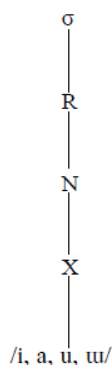
Em (2), apresentamos dados com os glides [j] e [w] em posição de ataque:

- | | | |
|-----|-----------|----------------|
| (2) | [ja'ja] | ‘tipo de sapo’ |
| | [ja:'nĩŋ] | ‘brilhante’ |
| | [wah] | ‘velha, avó’ |
| | [wa:'nĩŋ] | ‘vento’ |

Para analisar fonologicamente essas ocorrências, levamos em conta que, na língua Kanamari, não é comum encontro de vogais tautossilábicas, principalmente compostas por vogais não altas e, em contrapartida, o padrão silábico CV é frequente, sendo formado por segmentos não ambíguos. Portanto, definimos a sequência de sons [ia], [io], [iu], [ua], [ui] e [uu] como o molde silábico CV(C). Desse modo, os fones [i] e [u], em início de sílaba, seguidos de vogais passam para a posição de ataque da sílaba, formando o molde silábico CV.

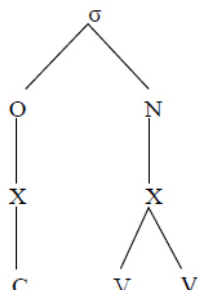
Quanto ao núcleo simples, este é formado pelas vogais curtas da língua, o que constitui uma posição na camada esquelética. Conforme demonstra a representação em (3):

(3)



Além das vogais breves, o núcleo simples pode ser formado por ditongos, interpretados como leves, por isso seus dois segmentos compartilham a unidade X da camada esqueletal. Esses ditongos são todos decrescentes, pois o glide (ou *offglide*) é posterior ao núcleo vocálico. Assim, sua representação constitui-se da seguinte forma:

(4)

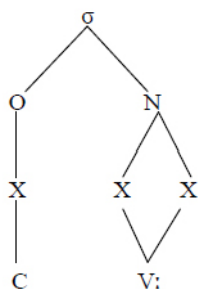


Os ditongos em Kanamari são realizados foneticamente pelas sequências [ai], [ao] e [oi]. Essas sequências não são interpretadas fonologicamente como VC, pois consideramos que, em posição de coda, ocorrem apenas os segmentos /N/, /k/ e /h/. Também não analisamos como VV, já que não é comum sequências de vogais tautossilábicas nessa língua. Assim, analisamos essa sequência de sons como ditongos /aⁱ/, /a^w/ e /uⁱ/, interpretados como V no molde silábico, podendo ser, opcionalmente, antecidos por consoante em posição de ataque e seguidos por coda.

(5) [pai.ʔko]	/pa ⁱ .ku/	/CV.CV/	‘avô; velho’
[dʒai.ʔkõŋ]	/dʒa ⁱ .kuN/	/CV.CVC/	‘traíra (peixe)’
[kai.ʔna]	/ka ⁱ .na/	/CV.CV/	‘macaco guariba’
[waogʔdʒɪ]	/wa ^w k.dʒi/	/CVC.CV/	‘chegar’
[iʔkaokʔ]	/i.k ^w k/	/V.CVC/	‘chorar’
[aoʔpu]	/a ^w .pu/	/V.CV/	‘filhote’
[nomoi]	/nu.mu ⁱ /	/CV.CV/	‘tipo de peixe’
[koimaruu]	/ku ⁱ .ma.ru/	/CV.CV.CV/	‘tipo de árvore’

O núcleo longo é composto pelas vogais longas existentes na língua, formado por duas unidades X na camada esqueletal. E, após o núcleo longo, não há ocorrência de consoante posterior tautossilábica, ou seja, em posição de coda.

(6)

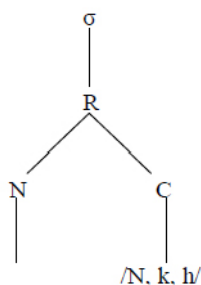


Esse fato de as sílabas formadas por vogais longas, compostas por duas unidades X, não serem procedidas por coda corrobora para a interpretação de que os ditongos compõem apenas uma unidade X na camada estrutural, pois estes podem vir seguidos de uma coda. Dessa forma, interpreta-se que possivelmente o sistema da língua não permita uma sílaba composta por mais de duas moras, o que ocorreria se os ditongos não fossem leves. Os exemplos em (7) demonstram as sílabas em que ocorrem vogais longas:

(7)	['wuu:]	/wuu:/	/CV:/	‘pirarucu’
	[muu:'na]	/muu:na/	/CV:CV/	‘tipo de macaco pequeno’
	[na:'tsi]	/na:'tʃi/	/CV:CV/	‘milho’
	[ko:'na]	/ku:'na/	/CV:CV/	‘urucum’
	[pi:'tsi]	/pi:'tʃi/	/CV:CV/	‘doce’
	[wa:'kak̃]	/wa:'kak/	/CV:CVC/	‘abacaxi’

Sobre os segmentos que ocorrem em coda, são eles : /N/, /k/, /h/. Todos esses aparecem tanto em coda interna como coda final:

(8)



Assim, os moldes silábicos aceitáveis na língua Kanamari são CV, CVC, VC, V, CV: e V:.

(9) Moldes silábicos em Kanamari:

CV

[ba.'ri]	/ba.ri/	/CV.CV/	‘banana’
[taka'ra]	/taka'ra/	/CV.CV.CV/	‘galinha’
[kiri'pãŋ]	/kiri'paN/	/CV.CV.CVC/	‘batata doce’

CVC

[mok]	/muk/	/CVC/	‘anta’
[ih'nãŋ]	/ih'naN/	/VC.CVC/	‘morcego’
[wah'dak̃]	/wah'dak/	/CVC.CVC/	‘lago’

VC			
[ih.tõŋ]	/ih.tuN/	/VC.CVC/	‘ponte’
[ãŋ ^h pi]	/aN’pi/	/VC.CV/	‘beija-flor’
[ihpi’dzi]	/ihpi’dzi/	/VC.CV.CV/	‘tipo de macaco bem pequeno’
V			
[o.’mãŋ]	/u.maN/	/V.CVC/	‘árvore’
[i’tʃo]	/i’tʃu/	/V.CV/	‘minha filha’
[a’na]	/a’na/	/V.CV/	‘tia’
CV:			
[hi:.’tʃãŋ]	/hi:.tʃaN/	/CV;.CVC/	‘porco do mato’
[na:’tʃi]	/na:’tʃi/	/CV:.CV/	‘milho’
[ko:’na]	/ku:’na/	/CV:.CV/	‘urucum’
V:			
[o:.’ki]	/u:.ki/	/V:.CV/	‘jenipapo’

Como pode ser observado, não ocorrem moldes silábicos em que o núcleo longo venha acompanhado de uma coda, como /.CV:C./ e /.V:C./. Como dito anteriormente, é possível que essas restrições ocorram para evitar sílabas trimoraicas, o que corroboraria para a interpretação de que os ditongos em Kanamari são leves, pois estes podem vir acompanhados de coda.

Alomorfia de prefixos possessivos de primeira pessoa

Nesta seção, demonstramos alguns casos de alomorfia na língua Kanamari e tentaremos analisar fonologicamente algumas exceções à regra principal do uso desses alomorfes. Alomorfes são variações fonológicas de um mesmo morfema, ou seja, apesar de esses morfemas serem semelhantes e possuírem o mesmo significado ou função, não possuem sons idênticos (LIEBER, 2009). Essa definição aplica-se aos alomorfes que funcionam como pronomes possessivos presos de primeira e terceira pessoa do singular em Kanamari.

Esses alomorfes são os únicos dessa classe de morfemas formados por segmentos vocálicos isolados em sua representação subjacente, respectivamente /i-/ e /a-/ e variam em /hi-/ e /ha-/ conforme o ambiente fonológico. Alguns exemplos de ambientes em que ocorrem os alomorfes {i-} e {a-} estão exemplificados a seguir:

- (10) {i-} + {-paN} /i.paN/ [i’pãŋ]
 1SGPOSS braço ‘meu braço’

- (11) {a-} + {-paN} /a.paN/ [a'pãŋ]
 3SGPOSS braço 'braço dele'
- (12) {i-} {-ba} /i.ba/ [i'ba]
 1SGPOSS mão 'minha mão'
- (13) {a-} {-ba} /a.ba/ [a'ba]
 3SGPOSS mão 'mão dele'

Nota-se que esses alomorfes ocorrem sempre antecedentes a segmentos consonantais. Para os contextos em que ocorrem os alomorfes {hi-} e {ha-}, porém, os segmentos que seguem os alomorfes são todos vocálicos.

- (14) {hi-} {-aN} /hi.aN/ [hi'ãŋ]
 1SGPOSS perna 'minha perna'
- (15) {ha-} {-aN} /ha.aN/ [ha'ãŋ]
 3SGPOSS perna 'perna dele'
- (16) {hi-} {-uh'pak} /hi.uh.pak/ [hi'oh'pak̃]
 1SGPOSS nariz 'meu nariz'
- (17) {ha-} {-uh'pak} /ha.uh.pak/ [ha'oh'pak̃]
 3SGPOSS nariz 'nariz dele'

Exceção à regra geral de alomorfa

Há, porém, uma exceção à restrição do alomorfe {i-} anterior a um segmento vocálico. Foram registrados alguns poucos dados em que o pronome de posse ocorre anterior a um morfema iniciado por uma vogal e, ainda assim, permanece representado por apenas um segmento vocálico, sem a inserção da obstruinte /h/.

- (18) {i-} + {-upu} /ju.'pu/ [jo'pu]
 1SGPOSS filho 'meu filho'
- {i-} + {ama} /ja.ma/ [ja'ma]
 1SG para 'para mim'

Proposta de análise das ocorrências

Ao observarmos a estrutura silábica, percebemos que não houve a inserção de /h/, pois esse recurso seria insuficiente na silabificação. O motivo para isso é que os morfemas formam uma sílaba composta por um único segmento vocálico (V). E, nesses casos, se houvesse a realização dos alomorfes {hi-} ou {ha-}, resultaria em um encontro vocálico tautossilábico não existente nos padrões da língua.

Por exemplo, teríamos as ocorrências de [hio.pu]* ou [hia.ma]*, que são agramaticais na língua. Além disso, em ambos os exemplos, na primeira sílaba, resultariam as sequências [io] e [ia], que não são encontradas como ditongos em Kanamari. Como já demonstrado anteriormente, os únicos ditongos encontrados na língua são /aj/, /aw/ e /oj/, sendo todos ditongos decrescentes.

Nos exemplos agramaticais, os ditongos formados seriam /ja/ e /ju/, caracterizados por serem crescentes. Dessa forma, a exceção de optar por {i-} em lugar de {hi-} antes dos morfemas iniciados em vogais, {-upu} e {-ama}, pode ser um recurso para evitar formação de ditongos inexistentes nos padrões da língua Kanamari.

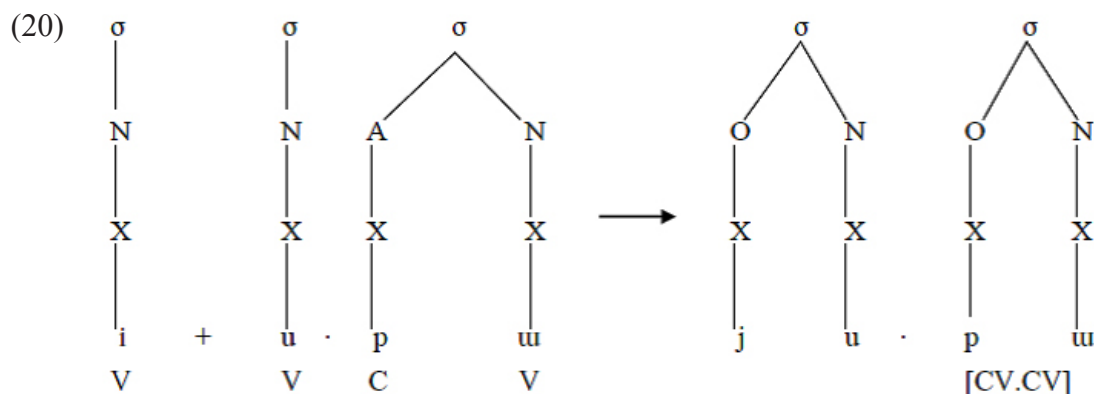
Em contrapartida, quando os morfemas permanecem em sua forma vocálica {i-}, passam à posição de ataque e formam uma sílaba do tipo CV junto com a vogal isolada da primeira sílaba do morfema. Assim, temos:

- (19) /ju.'pu/ /ja.'ma/
 /CV.CV/ /CV.CV/

De acordo com Kenstowicz (1994), na interpretação gerativa, a silabidade do som é resultado de sua posição no constituinte silábico, não em relação às suas características estruturais. Por isso, quando os segmentos /i/ e /u/ ocorrem em posição de ataque na sílaba, são interpretados como consoantes e, assim, carregam o traço [-silábico].

Em Kanamari, o segmento /j/ representa a vogal alta [i] com *status* de ataque. Essa silabificação ocorre em casos de encontros vocálicos, decorrentes do morfema possessivo preso {i-} com outro morfema que se inicie em vogal. Nesse processo, a vogal alta [i] que representa o morfema de posse recebe o *status* de ataque e, portanto, possui o traço [- silábico], o que a torna uma aproximante.

Esse processo de silabificação pode ser representado em (20):



Nesse esquema, nota-se que duas sílabas compostas por apenas um núcleo cada uma unem-se e formam uma única sílaba composta por um ataque e um núcleo, sendo o primeiro segmento [- silábico] representado por /j/.

Para essa alomorfa, propomos uma análise fundamentada na estrutura silábica da língua, pois é notório que são utilizados recursos que evitem encontros vocálicos tautosilábicos e que essa língua possui uma tendência à sílaba universal CV. Por meio dessa

análise, propomos que em Kanamari há uma preferência em manter os padrões silábicos dessa língua; logo regras de alomorfa podem ser violadas para que se mantenha a estrutura silábica preferível.

Considerações finais

Este artigo descreveu algumas ocorrências percebidas dentre nossos dados que fugiam à regra geral da alomorfa dos prefixos possessivos de primeira pessoa na língua Kanamari e propôs uma possível interpretação para essas exceções com base na fonologia, principalmente na estrutura silábica. Ao que parece, a língua prefere optar por não obedecer à regra dos alomorfes para poder seguir os padrões silábicos da língua. Dessa forma, em casos que poderiam formar ditongos não existentes nos padrões dessa língua, cria-se uma exceção à regra geral que permita manter a estrutura silábica comum.

Por meio dessa análise, procuramos demonstrar a importância da sílaba não apenas nos estudos fonológicos, mas também morfológicos, e como essas áreas estão dependentes uma da outra. Obviamente, os dados encontrados em que ocorrem as exceções à regra ainda são poucos, o que evidencia a necessidade de maiores pesquisas. Entretanto, acreditamos que essa análise inicial seja importante para pesquisas futuras, principalmente quando diante de outros possíveis casos de alomorfa.

REFERÊNCIAS

AIKHENVALD, A. Y. *The Languages of the Amazon*. Oxford: Oxford University Press, 2012.

CLEMENTS, G.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. (Ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995. p. 245-306.

COSTA, L. *Kanamari*. 2006. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kanamari>>. Acesso em: 30 maio 2012.

DOS ANJOS, Z. *Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari*. 2011. Tese (Doutorado em Linguística) – Vrije Universiteit Amsterdam, Amsterdam, 2011.

_____. *Fonologia Katukina* (dialeto Katukina do Biá). 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Brasília, Brasília, 2005.

GOLDSMITH, J. *The Handbook of Phonological Theory*. London: Basil Blackwell, 1995.

_____. *Autosegmental and Metrical Phonology*. London: Basil Blackwell, 1990.

GROTH, C. L. Modo y aspecto en el discurso Canamari. *Revista Latino Americana de Estudios Etnolingüísticos*, n. 5, p. 51-72, 1988a.

_____. Prominencia, evaluación y uso de la partícula tso en el discurso Canamari. *Revista Latino Americana de Estudios Etnolingüísticos*, n. 5, p. 73-91, 1988b.

_____. Syntax of the phrase types in Canamari. In: FORTUNE, D. L. (Ed.). *Porto Velho Workpapers*. Brasília: SIL, 1985. p. 93-129.

_____. Here and There in Kanamari. *Anthropological Linguistics*, v. 19, n. 5, p. 203-215, 1977.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL. *Kanamari: língua e localização*. 2012. Disponível em: <<http://pib.socioambiental.org/pt/povo/kanamari/334>>. Acesso em: 30 maio 2012.

ISHY, P.H. *Uma Análise Fonológica da Língua Kanamari (Katukina)*. 2012. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

KENSTOWICZ, M. *Phonology in Generative Grammar*. London: Basil Blackwell, 1994.

LIEBER, R. *Introducing Morphology*. Cambridge: CUP, 2009.

LOUKOTKA, Č. Documents et vocabulaires inédits de langues et de dialectes sud-américains. *Journal de la Société des Américanistes*, tome 52, p. 7-60, 1963. Doi:10.3406/jsa.1963.2001.

RODRIGUES, A. D. *Línguas Brasileiras: para um conhecimento das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola, 1986.

SILVA, M. et al. Elementos da fonologia Kanamari. *Cadernos de estudos linguísticos*, Campinas, Universidade Estadual de Campinas, v. 16, p. 123-141, 1989.